

ANUÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA 2008 COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

LUSOCOM Federação Lusófona de Ciências da Comunicação

SOPCOM Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação

CECS Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



Pé de Página

ANUÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA 2008 COMUNICAÇÃO E CIDADANIA NO ESPAÇO LUSÓFONO

Uma publicação da LUSOCOM – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação
Com a SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação/CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Entidades Associadas

AMESCOM – Associação Moçambicana de Estudos da Comunicação
ANGOCOM – Associação Angolana de Estudos de Comunicação
ASGIC – Asociación Galega de Investigadores en Comunicación
INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação

Director

Moisés de Lemos Martins

Editores

Helena Sousa
Sandra Marinho
Rui Passos Rocha

Conselho Editorial

Eduardo Namburete (AMESCOM, Moçambique)
Joaquim Paulo da Conceição (ANGOCOM, Angola)
José Marques de Melo (INTERCOM, Brasil)
Margarita Ledo Andión (ASGIC, Galiza)
Moisés Martins (SOPCOM, Portugal)

Conselho de Redacção

Aníbal Alves (Universidade do Minho – Portugal)
António Fidalgo (Universidade da Beira Interior – Portugal)
César Bolaño (Universidade Federal de Sergipe – Brasil)
Cicília Maria Krohling Peruzzo (Universidade Metodista de S. Paulo – Brasil)
Isabel Ferin da Cunha (Universidade de Coimbra – Portugal)
José Benedito Pinho (Universidade Federal de Viçosa – Brasil)
José Bragança de Miranda (Universidade Nova de Lisboa – Portugal)
José Manuel Paquete de Oliveira (Professor jubilado do ISCTE – Portugal)
José Wagner Ribeiro (Universidade Federal de Alagoas – Brasil)
Manuel Carlos da Conceição Chaparro (Universidade de S. Paulo – Brasil)
Pedro Jorge Braumann (Instituto Politécnico de Lisboa – Portugal)
Sónia Virgínia Moreira (Universidade do Estado de Rio de Janeiro – Brasil)

Paginação: Pé de Página Editores

Impressão: Norprint

ISSN: 1807-9474

Depósito legal:

Índice

Nota dos Editores

<i>Comunicação e Cidadania</i>	7
Helena Sousa, Sandra Marinho e Rui Passos Rocha	

Parte I – Comunicação e Cidadania no Espaço Lusófono

<i>Comunicação Intercultural e Lusofonia – a perspectiva da semiótica da cultura</i>	11
Maria Manuel Baptista	
<i>Cartografias do imaginário navegante: reflexões sobre a identidade narrativa diaspórica, o “senso comum mítico” e o (des)conhecimento da cultura portuguesa contemporânea no Brasil</i>	21
Tiago Monteiro	
<i>Das representações dos PALOP em Portugal à importância da educação para os media</i>	37
Alcina Dourado	
<i>A Internet e o processo de democratização: os casos de Angola e Moçambique</i>	51
Susana Salgado	
<i>Televisão e democracia em Cabo Verde: Entre a expectativa da cidadania e as investidas políticas</i>	69
Silvino Lopes Évora e Helena Sousa	
<i>Televisão comunitária: mobilização social para democratizar a comunicação no Brasil</i>	89
Cicilia Peruzzo	
<i>Web TV local / regional em Portugal: que alternativa à TV?</i>	99
Francisco Rui Cádima	
<i>Cibermermedios galegos, un elo forte na integración de Galiza no espazo lusófono</i>	111
Xosé López García	

Parte II – Investigação sobre os Media e a Comunicação no Espaço Lusófono

<i>Quando objetividade não é objectivity. Os princípios do jornalismo brasileiro e suas conseqüências</i>	127
Liriam Sponholz	
<i>Ética jornalística no Brasil: o ideal, o real e os desvios no percurso</i>	145
Hugo R. Lovisolo e Jacqueline Deolindo	
<i>Bridging the gap: Bantu grammar workshops as a means to support community-based language development</i>	
Oliver Kröger	157
<i>Potencial da indústria de conteúdos em países ibero-americanos e africanos: o caso do livro</i>	181
Paulo Faustino	
<i>Análise de contido, tratamento estético e de linguaxe dos informativos audiovisuais en Galicia</i>	205
Xosé Soengas Pérez, Ana Isabel Rodríguez Vázquez, Anxela Chillón Álvarez e María Salgueiro Santiso	
<i>Os medios públicos, as primeiras vítimas: a desaceleración da radiotelevisión como servizo público esencial</i>	221
Luís Álvarez Pousa	
<i>Jaime de Sousa Guedes Pacheco: Retrato e Ideoloxía</i>	233
Vítor Vaqueiro Foxo	
Abstracts	245

Comunicação Intercultural e Lusofonia – a perspectiva da semiótica da cultura

Maria Manuel Baptista*

Resumo

Pretende-se com esta comunicação problematizar e avaliar algumas noções teóricas sobre cultura e comunicação intercultural. Assim, procuraremos centrar-nos fundamentalmente no paradigma teórico da semiótica da cultura (Lotman, 1996), desenvolvendo mais concretamente conceitos como diálogo, contacto cultural, fenómenos ‘buffer’, fronteira e centro semiótico. Algumas aplicações e exemplos concretos relativos às principais virtualidades e dificuldades da Comunicação Intercultural no contexto da Lusofonia serão igualmente apresentados e discutidos, tendo em conta as reflexões teóricas aduzidas.

Palavras-chave: semiótica; cultura; comunicação.

Introdução

Proveniente de um paradigma neoestruturalista, embora com desenvolvimentos posteriores ligados à teoria sistémica, e mesmo ao pós-modernismo, o conceito de cultura foi objecto de um desenvolvimento extraordinário desde que Iuri Lotman¹ introduziu a noção de semiosfera. A abordagem da semiótica da cultura resulta da análise das relações entre o homem e o mundo, sendo a semiosfera (definida por analogia com o conceito de biosfera) o domínio em que todo o sistema sógnico pode funcionar. Para Lotman, a comunicação não existe fora da semiosfera e é ela que

* Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro | mbaptista@ua.pt

¹ LOTMAN, Iuri, M., *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València, Ediciones Cátedra Universitat de València, 1996. Trata-se de um autor russo, recentemente desaparecido, que publicou mais de cinquenta trabalhos na área da semiótica da cultura, do texto, da conduta, do espaço, do cinema, do teatro, das artes plásticas, etc.

Do conjunto da obra de Lotman destacam-se as seguintes publicações: *La estructura del texto artístico* (1970); *La semiótica del cine y los problemas de la estética cinematográfica* (1973); *Cultura e Explosión* (1992); *Buscar el camino* (1994) e *Análisis del texto poético* (1972).

Grande parte da sua obra, cujo primeiro livro de grande fôlego foi *Lecciones de poética estructural* (1964), encontra-se espalhada em diversas revistas, especialmente *Semiotiké*, que fundou e dirigiu. Muitos dos artigos que publicou entre os anos 70 e 80 foram coligidos e publicados em Nova York e Londres, em 1990, sob o título *Universe of the Mind. A semiotic theory of Culture*.

constitui igualmente a possibilidade de produção de novas informações. Esta é uma das razões pelas quais a obra de Lotman nos pode ser particularmente útil ao abordarmos a questão da comunicação intercultural no âmbito da Lusofonia.

A obra teórica de Lotman apresenta duas etapas principais: a primeira ‘tectónica’, ‘neoestruturalista’, até meados dos anos 70. Depois, já nos anos 80, até à sua morte em 1993, o pensamento do autor evolui para algo mais ‘dinâmico’, numa espécie de ‘pós-neoestruturalismo’, cujo conceito chave seria então o de ‘semiosfera’. Nesta fase, Lotman vê cada vez mais o texto, entendido em sentido muito lato, e a cultura como algo activo, dinâmico e internamente contraditório, capaz de gerar sentido e não como mero receptáculo deste.

Apesar da importância mundial da obra de Lotman, o desconhecimento da sua obra tem sido generalizado (bem como da Escola de Tartu, a qual fundou e dirigiu durante décadas). Na origem das dificuldades de divulgação da sua Obra e Escola encontra-se o facto de a ‘nomenclatura’ soviética ter sempre dificultado (especialmente nas décadas de 60 a 80) a divulgação dos seus trabalhos².

Sublinhe-se igualmente que, não obstante o inegável valor pragmático e heurístico, o modelo de Lotman tem sido alvo de diversas críticas dos teóricos da semiótica contemporânea, que consideram tratar-se de uma abordagem que labora num equívoco fundamental, a saber, a tentativa de «(...) sínteses impossíveis entre as teorias binárias e triádicas do signo»³.

Semiótica e Semiótica da Cultura

Num texto de 1984⁴, Lotman recorda que a semiótica tem vivido diversos processos de mutação nas últimas décadas. Na base destas mutações encontram-se duas tendências maiores da semiótica: a de Pierce e Morris, que consideram que o sistema semiótico parte do signo isolado, para em seguida analisarem as sequências de signos; e a de Saussure e da Escola de Praga, que parte da antinomia entre a língua e a fala (o texto). De acordo com Lotman, e apesar das divergências entre estes dois paradigmas teóricos, tanto num caso como noutro os investigadores mais não fazem do que produzir uma meta-semiótica, uma vez que o seu objecto de estudo não são propriamente os textos, mas os modelos dos textos e os modelos desses modelos. Numa linguagem saussureana, poder-se-ia dizer que, em ambos os casos, a fala interessa ao investigador apenas como materialização das leis estruturais da língua.

²No contexto dos estudos semióticos que actualmente se desenvolvem em torno de dois paradigmas fortemente divergentes e até concorrentes (um que parte da linha saussuro-hjelmsleviana e outro que se inspira na obra de Pierce), a produção de Lotman é considerada algo heterodoxa por partir de «(...) concepções etnoculturais que vêem na cultura uma combinação de sistemas ‘modelizadores’ do real». (MARTY, Robert, «Cual es el objeto de la semiótica?», *Teorias Semióticas*, <http://www.univ-perp.fr>).

³MARTY, Robert, «Cuales son las principales teorías semióticas?», *Teorias Semióticas*, <http://www.univ-perp.fr>

⁴LOTMAN, Iuri, M., ‘Acercas da Semiosfera’, *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València, Ediciones Cátedra Universitat de València, 1996, pp. 21-42.

Já a Lotman o que interessa verdadeiramente é o estudo do funcionamento semiótico do texto real, nas suas contradições e inconsequências ‘casuais’. A originalidade da posição deste investigador consiste precisamente em focar a atenção naqueles aspectos semióticos que divergem da estrutura da língua, considerando que um dos conceitos fundamentais da semiótica actual é a aceitação da ideia de que o texto, enquanto símbolo, é um fenómeno dinâmico e intrinsecamente contraditório e paradoxal. É deste conjunto de preocupações teóricas que surge precisamente a semiótica da cultura, a qual é definida por Lotman nos seguintes termos: «(...) disciplina que examina a interacção de sistemas semióticos diversamente estruturados, a não uniformidade interna do espaço semiótico e a necessidade do poliglotismo cultural e semiótico (...)»⁵.

Embora alguns textos culturais pareçam unos, para Lotman eles são sempre plurivocáticos e políglotas. Autenticamente unilineares são apenas os textos construídos em línguas artificiais ou as ilustrações de manuais, criadas especialmente para a determinação de um conjunto de regras teóricas.

Trata-se, assim, de reconhecer, partindo deste modelo, que as diversas culturas que compõem o espaço da Lusofonia são realidades de sentido diverso entre si e mesmo no seu seio e para si próprias radicalmente não uniformes. Ainda que utilizem uma mesma língua oficial (como realidade concreta ou apenas simbólica), elas são sempre culturalmente ‘políglotas’. Ora este carácter políglota da cultura lusófona (não considerando já o conhecido “poliglotismo” da língua portuguesa nas suas diversas variantes locais) que em primeira instância a semiótica da cultura faz emergir é a realidade de partida que qualquer análise à comunicação intercultural no espaço lusófono terá de levar em conta. Ao contrário da tradição e do senso-comum vulgarmente presentes na história e cultura portuguesas, a cultura dos povos de expressão oficial portuguesa não se constitui de modo nenhum como uma variante à cultura lusa.

Sublinhe-se ainda que a característica políglota da cultura constitui um dos aspectos fundamentais da teoria de Lotman até porque permite compreender o modo como se cria e desenvolve a memória cultural, dimensão decisiva na análise da comunicação intercultural no âmbito da Lusofonia, uma vez que um dos aspectos mais relevantes neste processo comunicativo específico é exactamente a memória cultural que nos é comum, culturas ex-colonizadoras e ex-colonizadas.

Nas palavras de Lotman, «a duplicação do mundo na palavra e a do homem no espaço formam o dualismo semiótico de partida. A cultura, de acordo com o tipo de memória que lhe é inerente, selecciona em toda essa massa de comunicados o que, do seu ponto de vista, são ‘textos’, quer dizer, o que está incluído na memória colectiva»⁶.

⁵ LOTMAN, Iuri, M., ‘La semiótica de la cultura y el concepto de texto’, *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València, Ediciones Cátedra Universitat de València, 1996, p.78

⁶ LOTMAN, Iuri, M., ‘El texto y el poliglotismo de la cultura’, *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, Valencia, Ediciones Cátedra Universitat de Valencia, 1996, p. 85.

Deste modo a memória colectiva não é um repositório de dados históricos mas uma selecção particular de entre os inúmeros enunciados de índole muito diversa que cada cultura produz. Para além disso, a memória cultural influencia o modo como o presente é recebido, quais os factos que devem ser considerados como significativos e quais o insignificantes e ‘invisíveis’⁷.

É, portanto, expectável e compreensível que a comunicação intercultural no contexto da Lusofonia seja constituída por inúmeros enunciados, dos quais apenas alguns adquirem visibilidade e sentido porque mediados por uma memória cultural comum. São exactamente esses que constituem o fluxo visível da comunicação intercultural no âmbito da Lusofonia, desprezando e tornando invisíveis muitos enunciados, iniciativas e tentativas de diálogo de elementos pouco ou nada mediados pela referida memória cultural. Referimo-nos, por exemplo, a tentativas de intercâmbio cultural entre alguns criadores culturais, músicos, poetas, literatos, etc., no âmbito da Lusofonia, e que infelizmente constituem aspectos pouco visíveis e até marginais de uma comunicação que, no geral, se tem feito sob o signo ainda da memória cultural do colonialismo, ex-colonialismo ou pós-colonialismo, cujo conteúdo também é divergente em cada uma das culturas que compõem esta comunidade.

A Semiosfera

Procurando levar ainda um pouco mais longe a análise lotmaniana, torna-se absolutamente necessário desenvolver um pouco mais a noção chave da semiótica da cultura, ou seja o conceito de semiosfera. Por analogia com o conceito de biosfera, Lotman designa-a como o continuum semiótico próprio do mundo humano de semiosfera. A semiosfera é o mundo da significação, ligado à actividade racional do homem (o que nos parece não estar muito longe do conceito de actividade simbólica própria da produção cultural do homem, introduzido por Cassirer⁸)⁹.

Será a partir de uma abordagem holística (que ao mesmo tempo integra e ultrapassa as abordagens de Pierce e de Saussure) que Lotman se vê obrigado a pensar,

⁷ Ao poliglotismo da cultura acrescentam-se ainda a heterogeneidade e as dimensões de hetero e poliestructuralidade, que estão na origem da produção de novos sentidos. A poesia, e a arte em geral, são os exemplos mais claros, porque extremos, da dimensão criativa da cultura.

⁸ CASSIRER, Ernst, *Ensaio Sobre o Homem – Introdução à Filosofia da Cultura Humana*, (tradução de Carlos Branco), colecção Filosofia & Ensaios, In Folio, Lisboa: Guimaraes Editores, 1995 (1944).

⁹ Porém, Lotman precisa que o universo semiótico não é a mera soma de espaços semióticos: «pode-se considerar o universo semiótico como um conjunto de linguagens e textos diversos fechados uns em relação aos outros. Nesse caso todo o edifício terá o aspecto de ser constituído de diferentes pequenas partes. No entanto, parece mais frutífera a abordagem contrária: todo o espaço semiótico pode ser considerado como um mecanismo único (e mesmo como um organismo)». (LOTMAN, Iuri, M., ‘Acerca da Semiosfera’, *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València, Ediciones Cátedra Universitat de València, 1996, p.23-42).

O enfoque primário é o ‘grande sistema’ denominado semiosfera e que é definido por Lotman da seguinte forma: «a semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a própria existência da semiose» (Op.cit., p.24).

em primeiro lugar, a cultura como semiosfera, como um todo de sentido. A semiosfera constitui-se, assim, a partir de níveis que vão desde o homem ao texto isolado, até unidades semióticas globais. Tais níveis estão colocados uns dentro de outros e cada um é, consecutivamente, participante do diálogo (como parte da semiosfera) e espaço de diálogo (o todo da semiosfera)¹⁰.

Seguindo a linha teórica desenvolvida por Lotman, propomo-nos aqui considerar a Lusofonia uma semiosfera específica, no âmbito da qual várias mensagens são trocadas a partir de uma, ou antes, de diversas memórias culturais específicas. A comunicação que se estabelece aos mais diversos níveis é não só espaço de diálogo que se abre, mas também construção e constituição desta semiosfera que aqui abordamos: a Lusofonia. Significa isto em concreto que este espaço semiótico lusófono nada é à partida, de forma essencialista, mas apenas constituído pelas mensagens que aí são trocadas, filtradas pelas diversas memórias culturais em presença e em constante mutação e dinamismo. Só como produto desta dinâmica, que se vai construindo pela qualidade e quantidade de mensagens efectivamente trocadas, ou não, é que se pode forjar o espaço de diálogo e troca cultural que se pretende que seja a Lusofonia.

Para que a Lusofonia se constitua então como um espaço de diálogo e comunicação, quer dizer, como uma verdadeira semiosfera, terá que revelar um conjunto de características que de seguida se expõem.

De acordo com Lotman, são os seguintes os traços distintivos da semiosfera:

Carácter delimitado, o qual implica:

- a) a homogeneidade semiótica e a individualidade, supondo-se que a semiosfera tem um carácter delimitado face ao espaço extra-semiótico e alo-semiótico que o rodeia. Significa isto que a Lusofonia tem de ser distinta de outras comunidades congéneres (Francofonia, Commonwealth, etc), reconhecendo-se-lhe ainda uma especificidade e homogeneidade mínimas internas (vulgarmente atribuídas à história e à língua);
- b) um certo grau de ‘fechamento’, quer dizer, uma situação de ausência de contacto quer com os não-textos, quer com os textos alo-semióticos. Para que estes adquiram algum sentido, têm de ser traduzidos numa das linguagens do espaço interno, sofrendo um processo de semiotização. A imagem que Lotman utiliza para ilustrar esta qualidade da semiosfera tem origem na neurofisiologia: «(...) os pontos da fronteira da semiosfera podem ser equiparados aos receptores sensoriais que traduzem os irritantes externos na linguagem do nosso sistema nervoso (...)»¹¹. Assim, o conceito de fronteira corresponde ao de individualidade semiótica. Quer isto dizer que a Lusofonia tem de ter uma espécie de fronteira cultural ou semiótica que determina com alguma clareza o que lhe pertence e o que lhe é exterior, traduzindo em linguagem(ns) ‘lusó-

¹⁰ No entanto, o autor sublinha que a semiosfera é uma construção de carácter eminentemente abstracto.

¹¹ *Ibidem*

fona(s)' as mensagens e os textos do(s) universo(s) semióticos que lhe são exteriores. Significa isto dizer que se exige uma espécie de 'olhar' lusófono que constitua aqui uma qualquer espécie mínima de identidade reconhecível, quer interna quer externamente.

Dito de outro modo, trata-se de uma concepção de semiosfera enquanto 'pessoa semiótica' que, como qualquer 'persona', é mutável, difícil de definir, tal como a própria noção de identidade¹².

Se a fronteira, em biologia, tem como funções limitar a penetração do externo no meio interno, filtrá-lo e elaborá-lo adaptativamente, no âmbito da semiosfera as funções são similares, pois compete à fronteira semiótica separar o próprio do estranho, filtrar as mensagens externas e traduzi-las em linguagem própria, bem como converter as não-mensagens externas em mensagens. Quer dizer, cabe à fronteira semiotizar o que vem de fora e transformá-lo em informação: trata-se de um mecanismo *buffer*. Saliente-se ainda que tudo o que está ao serviço dos contactos externos pertence igualmente à fronteira.

Cabe neste contexto interrogar-nos se a Lusofonia possui esta fronteira de forma minimamente delimitada e se possui mecanismos *buffer* de tradução e semiotização. Referimo-nos à existência de estruturas mais ou menos permanentes de observação da realidade de cada um dos países que a compõem e da realidade que é exterior à própria Lusofonia, garantido posições internacionais comuns, estratégias económicas, militares ou diplomáticas concertadas, políticas de ambiente, de língua e de cultura (como, por exemplo, a existência de uma política editorial articulada, como o que acontece no caso de Espanha com os países de expressão espanhola da América Latina). Trata-se de criar estratégias comuns que respondam e traduzam em linguagem própria um olhar específico que responda aos desafios e estímulos que lhe vêm do exterior.

Apesar da dificuldade do conceito de fronteira semiótica ele não é uma construção artificial, pois desempenha papéis funcionais e estruturais que determinam a essência do seu próprio mecanismo semiótico. Lotman recorre, de novo, às ciências biológicas para apresentar uma analogia: «(...) não se deve esquecer que, para uma determinada semiosfera, qualquer realidade só se torna 'realidade para si' na medida em que seja traduzida em linguagem própria (assim como as matérias químicas externas só podem ser assimiladas pela célula se são traduzidas em estruturas bioquímicas próprias desta)»¹³.

Na verdade, a fronteira tanto une dois espaços culturais (se nos colocarmos do ponto de vista do metanível da auto-descrição ou da auto-consciência semiótica), como os separa. Trata-se de um elemento decisivo na formulação de questões relativas à identidade e especificidade de espaços culturais. Nas palavras de Lotman,

¹² Lotman sublinha, para além disso, a complexidade e mutabilidade cultural das concepções de 'persona' ao longo do tempo.

¹³ Op.Cit. p.26

«tomar consciência de si mesmo no sentido semiótico-cultural significa tomar consciência da especificidade própria, da própria contraposição a outras esferas», mas, acrescenta, um tal processo «(...) faz acentuar o carácter absoluto da linha com que a esfera dada está contornada»¹⁴. Em diversos momentos do processo histórico a fronteira pode desempenhar uma ou outra das funções: função de permeabilidade e troca ou de isolamento do espaço interno.

Caberá também aqui sublinhar a necessidade de construção de uma fronteira semiótico-cultural clara na Lusofonia de modo a permitir a comunicação tanto no seu interior como para o exterior, mas procurando evitar o risco sempre presente de isolamento e rigidificação como era a característica própria do espaço semiótico que lhe antecedeu, criado pelo Estado Novo e designado por 'Mundo Português' ou 'O Mundo que o Português criou', o qual primava pela definição de fronteiras semióticas rígidas baseadas em mecanismos *buffer* controlados a partir do centro da semiosfera, centro político-cultural e simultaneamente produtor, que se pretendia exclusivo, da memória histórica e do sentido próprios da Lusofonia.

Na verdade, o que veio a acontecer é que, na mudança de regime em 1974, outra função da fronteira – também descrita por Lotman – emergiu, revelando-se um domínio de acelerados processos semióticos que começaram por ocorrer na periferia, para depois se dirigirem às estruturas nucleares e desalojá-las. Aquilo que eram as concepções semiótico-culturais do espaço lusófono próprias apenas de alguns movimentos de libertação e de vanguarda político-cultural outrora periféricos e minoritários (e.g. os movimentos de libertação das ex-colónias, os partidos políticos na clandestinidade, os intelectuais exilados, etc.) puderam nesse momento atingir uma centralidade revolucionária para alguns inimaginável.

Hoje, muitas dessas vanguardas culturais perderam a centralidade que tiveram no momento revolucionário. Porém podem manter ainda funções interessantes para o desenvolvimento da Lusofonia enquanto semiosfera ou espaço semiótico-cultural. Tal como sublinha Lotman, se no interior da semiosfera se encontra o espaço organizado e fora o caótico e desorganizado, normalmente há também pessoas que pertencem aos dois mundos (por um dom especial ou por um tipo de ocupação especial) e funcionam como tradutores. Estes estabelecem-se em zonas de fronteira do espaço cultural ou mitológico ou na periferia territorial. A natureza destes tradutores é bilingue e por vezes dão origem, na intersecção desses dois mundos, a estruturas semióticas creolizadas. Referimo-nos, por exemplo, a muitas das elites culturais que circulam entre os países que compõem a Lusofonia (músicos, escritores, poetas, pintores, cientistas, professores, investigadores, etc.), mas também aos muitos emigrantes que em cada um dos países lusófonos são verdadeiros 'tradutores bilingues'. São também muitas vezes estes que, estando a periferia da semiosfera entram em contactos muito frequentes com o exterior, desenvolvendo intensos processos comunicativos e de troca cultural.

¹⁴ Op. Cit. p.28

Em suma, a noção de fronteira é essencial ao espaço semiótico-cultural, pois verifica-se que «a cultura cria não só a sua própria organização interna, mas também o seu próprio tipo de desorganização externa»¹⁵.

Semiosfera e Comunicação Dialógica

Só é possível comunicação dialógica se em presença tivermos, pelo menos, dois *partenaires* que são ao mesmo tempo parecidos e diferentes. Do ponto de vista da Lusofonia entendida como Semiosfera, esta parece ser uma condição assegurada: próximos por laços histórico-linguísticos, os países lusófonos são também culturalmente muito diferentes entre si.

Entretanto, para que haja comunicação dialógica, exige-se simultaneamente reciprocidade e mutualidade no intercâmbio da informação. Isto obriga, de acordo com Lotman, a postular uma lei universal dos sistemas dialógicos: a transmissão informacional tem um carácter discreto (regra que é válida desde a secreção de substâncias odoríferas na urina dos cães até ao intercâmbio de textos na comunicação humana¹⁶).

Do ponto de vista de uma comunicação dialógica no âmbito da Lusofonia este é um dos aspectos mais críticos a considerar. Na verdade, a comunicação não tem sido recíproca, até porque os *partenaires* se encontram em posições muitíssimo diferentes: Portugal é um país com uma história de oito séculos que frequentemente não reconhece aos países lusófonos mais jovens, a braços com múltiplas dificuldades de toda a índole, um estatuto de reciprocidade ou mutualidade no diálogo. Porque a comunicação, para ser efectiva, tem de ser descontínua, quer dizer, permitir aos diversos elementos a posição tanto de emissor como de receptor, ela encontra-se comprometida e, por esta via, a constituição do próprio espaço lusófono também.

Outra característica da comunicação dialógica consiste no facto de o texto a transmitir dever conter elementos de transição para uma língua alheia (o texto transmitido e a resposta à sua recepção devem formar um texto único, tal como acontece nas relações entre a mãe e a criança de peito). Aqui radica a diferença entre o diálogo e o adestramento.

Ora, qualquer posição paternalista, sobretudo de Portugal como ex-potência colonizadora face às suas ex-colónias, compromete necessariamente a comunicação tornando-se esta em mero adestramento, espaço de não-comunicação por excelência.

¹⁵ Lotman dá o exemplo da Civilização Antiga, que só pôde tomar consciência de si mesma como um todo cultural depois de construir o mundo «bárbaro», cujo único traço distintivo era não ter uma linguagem comum com a cultura antiga: «Las estructuras externas, dispuestas al otro lado de la frontera semiótica, son declaradas no-estructuras» (Ibidem). Mas, por vezes, a valoração do espaço extrasemiótico é de carácter positivo (vejam-se as 'robinsonadas' do sec XVIII em que o mundo dos 'selvagens' era fortemente valorizado). Segundo Lotman, o importante não é a tonalidade da valoração, mas o facto de existir ou não uma fronteira.

¹⁶ Cf. Ibidem

Acrescente-se, porém que este nível de não-diálogo ou dificuldade dialógica não é igual ao longo de toda a semiosfera lusófona. Por exemplo, Portugal e o Brasil comunicam melhor e mais frequentemente do que, por exemplo o Brasil e a Guiné ou Portugal e Moçambique. Ora também este fenómeno se encontra descrito como uma possibilidade de desenvolvimento no interior de qualquer semiosfera. Na verdade é frequente que o carácter discreto da transmissão informacional dos sistemas semióticos seja apenas visível por ciclos (embora, por vezes, a autodescrição possa levar à ideia de um desenvolvimento e débito informacional ininterrupto). Segundo Lotman, assim se explica, pelo menos do ponto de vista teórico, porque é que grandes movimentos na história da cultura tiveram causas universais, as quais não se revelaram sincronicamente. É que a chegada desses elementos causais a cada área da semiosfera não é sincrónica (a não ser ao nível da autoconsciência cultural, que se converte depois em concepções de investigação). Para além disso, os destinatários das novas produções estão ainda a viver etapas culturais anteriores. Na verdade, a lei da não sincronicidade intervém no campo cultural como a regra e não como a excepção.¹⁷

A regra da não sincronicidade revela-se ainda nas relações entre o *centro* e a *periferia* da cultura, bem como entre as suas partes de *cima* e de *baixo* (respectivamente, cultura de elites com maior grau de organização interna, e cultura popular ou de massas, mais amorfa e, aparentemente, mais caótica).

Quer isto dizer, no que respeita especificamente à Lusofonia, que há elementos e grupos específicos nos diferentes países lusófonos que mantêm um intenso diálogo intercultural, em contraste com áreas onde a própria Lusofonia está ainda completamente por criar (veja-se, por exemplo, o modo como as elites literárias de Angola e Portugal dialogam intensa e proficuamente enquanto ao nível da educação, da saúde, de uma política diplomática ou de emigração praticamente se desconhecem).

Em suma, o intercâmbio dialógico não é um fenómeno facultativo do processo semiótico, pois a própria consciência não é possível sem comunicação, uma vez que é o diálogo que precede e gera a linguagem, e não o contrário.

Do mesmo modo só a comunicação intercultural entre países lusófonos poderá criar a Lusofonia, que de outro modo não se poderá fazer.

Referências bibliográficas

AAVV, *Estruturalismo: Antologia De Textos Teóricos*, (Trad. Maria Eduarda Reis Colares; António Ramos Rosa; Eduardo Prado Coelho), Lisboa, Portugália Editora, 1968 (Seleção e Introdução de Eduardo Prado Coelho).

BHABHA, Homi K. (1996) 'Culture's in-Between', in *Cultural Identity*, Paul Du Gay (Ed.), Stuart Hall, London, Sage, 1996: 53-60.

¹⁷ Como exemplo desta realidade, Lotman aponta mesmo os momentos de contacto entre grandes áreas culturais diferentes, como é o caso do processo de influência da cultura oriental sobre a ocidental e vice-versa, processo que releva da não sincronicidade das sinusóides de desenvolvimento imanente, e apresenta um carácter discreto de orientações diversas.

- CASSIRER, Ernst (1944), *Ensaio Sobre o Homem – Introdução à Filosofia da Cultura Humana*, (tradução de Carlos Branco), coleção Filosofia & Ensaios, In Folio, Lisboa: Guimarães Editores, 1995.
- DECHERT, C. R., ‘Truth, Value and Intercultural Dialog in an Emerging Global Culture’, in *Contemporary Philosophy*, 19, nº 1/2, 1997: 41-46.
- DOSSE, François (1991), *Histoire Du Structuralisme - I. Le Champ Du Signe, 1945-1966*, Paris: Éditions La Découverte.
- ECO, Umberto (1975) *Trattato Di Semiotica Generale*, Milano: Bompiani.
- FOUCAULT, Michel (1991) *As Palavras E as Coisas - Uma Arqueologia Das Ciências Humanas*, (Trad. António Ramos Rosa), Lisboa: Edições 70.
- KRISTEVA, Julia (1994), ‘On Yury Lotman’, *Publications of the Modern Language Association*, 3, nº 109, 1994: 375-376.
- LOTMAN, Iuri, M. (1996) *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València: Ediciones Cátedra Universitat de València.
- _____, Iuri, M. (1996) ‘Acerca da Semiosfera’, in *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València: Ediciones Cátedra Universitat de València, pp. 21-42.
- _____, Iuri, M. (1996) ‘La semiótica de la cultura y el concepto de texto’, in *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València: Ediciones Cátedra Universitat de València, pp. 68-84
- _____, Iuri, M. (1996) ‘El texto y el poliglotismo de la cultura’, *La Semiosfera I – Semiótica de la Cultura y del Texto* (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro), Fronesis, València, Ediciones Cátedra Universitat de València, pp. 85-97.
- _____, Iuri, M. (1990) *Universe of the Mind : A Semiotic Theory of Culture*, Bloomington: Indiana University Press.
- _____, Iuri, M. (1988) ‘L’historité De La Culture: Cheminement Vers Le Futur’ (1987), in *Sciences Sociales*, 2, nº 72, pp. 155-161.
- LOURENÇO, Eduardo (1976), ‘Repensar a Lusofonia’, in *O Complexo De Marx Ou O Fim Do Desafio Português*, Lisboa: D. Quixote, 1979: pp. 26-28.
- _____, Eduardo, (1992) ‘A Chama Plural’, *A Nau De Ícaro, Seguido De Imagem E Miragem Da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva, 1999: pp. 121-124
- _____, Eduardo (1996), ‘Cultura e Lusofonia ou os Três Anéis’, in *A Nau de Ícaro, Seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva, 1999: pp. 161-172 (Comunicação apresentada ao V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996)
- _____, Eduardo (1989), ‘Uma Língua, Dois Discursos’, in *A Nau De Ícaro, Seguido De Imagem E Miragem Da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva, 1999: pp. 145-153
- _____, Eduardo, (1998) ‘À Margem Da Lusofonia’, in *Discursos - Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, nº 15, 1998, Abril: pp. 64-68
- MARTY, Robert, ‘Cuales son las principales teorías semióticas?’, in *Teorías Semióticas* [<http://www.univ-perp.fr>]